

Professor Leopoldo Magno Coutinho: a visão de uma discípula

Meu primeiro contato com o Professor Leopoldo Magno Coutinho foi durante a disciplina Ecologia Vegetal, reconhecida como uma das melhores disciplinas da grade curricular do curso de Ciências Biológicas da Universidade de São Paulo. Durante quatro horas, nas manhãs de quarta-feira, sessenta pares de olhos se fixavam naquele professor, que passava os conceitos da disciplina como se narrasse um conto de fadas. Ele nos mostrava a beleza das relações entre as plantas e seus ambientes. Fascinados pelas histórias e fatos curiosos que entremeavam o conteúdo formal da disciplina, os alunos iam se encantando pelos biomas brasileiros, especialmente pelo Cerrado, o “queridinho” do professor, e a quem dedicou a vida a desvendar seus mistérios. E, de fato, quantos mistérios guarda o Cerrado! Ser fugitado pelo fogo e responder com a mais bela florada! Aguentar meses de seca e, ao contato com as primeiras chuvas, responder num verde intenso de folhas novas rebrotadas!



Foto: Alexandre Camargo Coutinho

Esse ambiente tão intrigante suscitou meu interesse e a busca por mais informações. E, à medida que eu pesquisava sobre o Cerrado, saltava o nome de Leopoldo Magno Coutinho: era ele um dos maiores pesquisadores sobre a ecologia desse bioma e, sem dúvida, quem mais entendia sobre os efeitos do fogo no Cerrado. Mas, até chegar a ser o maior especialista em Ecologia do Cerrado, Leopoldo Coutinho iniciou suas pesquisas em Fisiologia Vegetal, no Departamento de Botânica da Universidade de São Paulo. Estudava o balanço de água em espécies da Mata Atlântica e, graças à sua grande capacidade de observação e interpretação ecológica, revelou a existência de mecanismos de adaptação ao estresse hídrico em plantas dessa floresta pluvial, algo que ninguém esperaria encontrar se não fossem elas epífitas e, portanto, sujeitas ao dessecamento. Também inovou ao iniciar pesquisas com microscopia eletrônica em plantas, algo até então inédito no Brasil. Porém,

sua grande paixão era mesmo o Cerrado. Vasculhou esse bioma até compreender diversos temas que o intrigavam: Como seria o balanço hídrico nas plantas do Cerrado? Como se dava a germinação das sementes e a sobrevivência das plântulas num ambiente aparentemente hostil, sujeito a secas e queimadas? E como é que ocorriam as queimadas no Cerrado? Há quanto tempo o fogo estava presente nesse bioma? E que efeitos ele poderia trazer às plantas? Esses efeitos eram os mesmos para diferentes grupos de plantas? E as cinzas depositadas sobre o solo seriam benéficas às plantas? Por que ocorria a floração tão intensa, que já havia observado em cerrados recém-queimados? Animais tão abundantes nesse ambiente, como as formigas-cortadeiras, teriam alguma relação com o fogo? Como o fogo afetava a ciclagem dos nutrientes no Cerrado?



Foto: Alexandre Camargo Coutinho

Tantos assuntos tão interessantes acabaram por também me fazer sucumbir aos encantos do Cerrado e, logo no início do meu terceiro ano da graduação, enchi-me de coragem e fui ao Departamento de Ecologia pedir um estágio ao professor Leopoldo Coutinho, tão admirado por seus alunos, mas tão sério e com fama de bravo. Nesse momento, chamou-me a atenção o olhar perspicaz desse professor, que denunciava sua genialidade.

O contato mais frequente durante o estágio, e que acabou por me levar ao Mestrado, mostrou-me um outro lado do professor sério e com fama de bravo: um mestre atencioso e dedicado, que entusiasmava a todos que com ele trabalhavam pela sua paixão àquilo que fazia: tentar entender a natureza e ensinar o que descobria; o Léo amigo, que, nas viagens de campo e excursões com os alunos, empenhava-se por explicar – sempre em detalhes minuciosos – cada planta, cada interação biológica, cada peculiaridade do ambiente com os quais se deparava. Era, então, o Léo descontraído, que gostava de uma roda de conversa, de preferência acompanhada por um violão.

Nesses muitos anos em que convivi com o Léo, desde os anos de graduação, depois como orientada e, posteriormente, como colega de profissão no Departamento de Ecologia da USP, aprendi com meu Mestre não apenas sobre os processos ecológicos do Cerrado e sobre como o fogo atua nos ciclos biológicos e da matéria, mas aprendi também a enxergar a beleza de um tronco tortuoso, a força da vida no vigor de um broto após o fogo, a alegria de um campo florido, a plenitude da natureza.

Leopoldo Magno Coutinho nos deixou no dia 19 de fevereiro de 2016, mas seu exemplo de seriedade e dedicação à ciência e à docência será sempre lembrado.

Vânia R. Pivello, Departamento de Ecologia, USP